

BIBLIOTHECA MUNICIPAL
DE BARCELLOS

A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

N.º 16

BARCELLOS, 1.º DE DEZEMBRO DE 1892

1.º ANNO



NUMERO ESPECIAL

COMMEMORANDO

O GLORIOSO DIA

1.º DE DEZEMBRO DE 1640

A comissão dos festejos

COLLABORADORES

*Placido Lamella—J. M.—Delfino Esteves—Affonso Henriques—Manuel Ely-
sio—A. Soucasaux—C.—Arnaldo Braz—J. T.—Miosotis—Domingos Carreira—
Ephanna—A. Lima—Francisco Carmona—Silva Esteves—J. V.—M. P. de Souza.*

PORTUGAL E A RESTAURAÇÃO



IZIA Diodoro Siculo := *Entre os povos iberos os mais esforçados na guerra são os lusitanos.*

D'antes era na guerra que se conheciam as nações. Hoje é pela civilização e pelo genio que se classificam os povos.

Portugal, este pequeno torrão, esta lingua de terra banhada pelas vagas do Atlantico, fertil como as nações mais ferteis, formosa como poucas nações formosas, foi outr'ora o objecto ambicionado da maior parte dos povos independentes da peninsula iberica.

Nove povos de origem celtica habitavam a Lusitania antes da invasão romana.

Estes povos, democratas nos principios, governando-se independentemente, uniam-se e gritavam ás armas quando qualquer invasão lhe ameaçava a sua independencia. Eram os lusitanos.

Houve diferentes invasões por povos de raças diferentes. Houve mil transformações politicas e sociaes até que a Hespanha legasse a D. Henrique uma parte da Lusitania, e o direito de conquistar aos mouros muitas terras das que formam hoje o velho Portugal.

Foi ahi que começou a nossa autonomia, a nossa independencia, e ahi que começou a nossa historia de atrocidades como de heroismos. Digo atrocidades porque era pela força e pelo bandalismo que se conquistavam as nações; e heroismos porque poucas nações apresentam paginas só de glorias como atestam as que se referem ás nossas descobertas, á nossa civilização.

Dizer o que eram os nossos reis, como conquistaram as nossas terras, como se fizeram temiveis, bastaria dizer que D. Alfonso Henriques assaltava como bandido destemido as fortalezas inimigas com a escada na mão e o punhal na boca.

Passou-se a primeira dinastia, acabou-se a segunda, e a Hespanha lançou sobre nós as suas garras insaciaveis como para se vingar d'esse pequeno povo que se fazia temer por todo o mundo.

Era a Hespanha que dispunha á vontade de tudo aquillo que se chamava portuguez. Eram os seus ministros que nos faziam seus vassallos, oprimindo-nos, roubando-nos os nossos direitos.

Durou 60 annos esta opressão ignobil, este viver impossivel para um povo que possuia uma historia gloriosa.

Chegou o dia da regeneração, da independencia, e o povo insaciavel da sua autonomia, rasga e despedaça tudo o que se chama castelhano, aclama rei a D. João IV, entra pela Hespanha com um exercito puramente portuguez, e junto a Montijo n'uma batalha afrontosa entre portuguezes e castelhanos, é aclamado rei pelos soldados o restaurador de Portugal—D. João IV.

Hoje portanto anniversario d'esse dia glorioso, d'esse dia que nos recorda a nossa emancipação da Hespanha, festejemos e saudemos os

nossos brios de povo livre, sem que em nada possamos melindrar esse povo visinho, hoje nosso amigo e de quem poderemos ainda depender, — a Hespanha.

Ser livre é a gloria d'um povo.

1—12—92.

PLACIDO LAMELLA.



1.º DE DEZEMBRO DE 1640

*Portugal recorda hoje
da historia do seu passado
Um feito audaz, arrojado,
Heroico por excellencia;
Feito estupendo de bravos
Quebrando algemas d'escravos
Ao grito de—independencia!*

1.º de dezembro—1892.

J. M.



1.º DE DEZEMBRO



DIA 1.º de dezembro é um dia de festa, de gloria, de enthusiasmo para todos os portuguezes.

E' um dos dias mais gloriosos dos annaes da nossa historia, porque commemora a redempção da

patria.

Foi n'esse dia que um grupo de verdadeiros portuguezes, com risco da propria vida, conseguiram arrancar a patria das garras aduncas dos Filippes, que sobre nós tinham cahido depois do desastre de Alcacer-Quibir.

Foi n'esse dia que Portugal, nação altiva e forte pelas suas heroicas tradições, então escrava, captiva e rojada aos pés de Castella, viu raia a sua estrella redemptora, que dissipando a procella da ignominia em que vivia, expargiu a luz deslumbrante da sua independencia, lembrando-lhe as conquistas e victorias com que seus filhos assombraram o mundo, e que tão bem decantadas foram por Camões, esse immortal poeta, que, quando a patria morria expirava tambem, deixando essa homerica Illiada, que foi repetida de lingua em lingua e de povo em povo, como exemplo de acrisolado amor da patria.

252 annos nos separam d'essa data gloriosa; mas apesar d'isso, não ha nenhum portuguez, que não lembre com orgulho esse egregio feito.

Em Barcellos não passou despercebido esse dia grandioso e brilhante, devido á iniciativa patriotica de alguns rapazes, a que de todo o coração nos associamos.

E' que a revolução de 1640 é um dos factos mais heroicos da nossa epopeia nacional.

Barcellos.

DELFINO ESTEVES.

OS PORTUGUEZES DE 1640



ANÇANDO mão da historia, que é o subsidio mais poderoso a que podemos recorrer, por isso que ella nos approxima o passado do presente, vemos que os portuguezes desde 1580, epocha em que Filippe 2.^o de Hespanha á custa de dinheiro que por cá espalhou empunhou as redeas do governo portuguez, até 1640, epocha em que se deu a revolução, que nos libertou do jugo Castelhaño, mostraram sempre o mais terrivel odio por se unirem áquelles que sómente á custa do dinheiro os subjugaram.

Vendo os portuguezes que os negocios de Portugal tendiam a confundir-se com os de Hespanha, faltando assim Filippe 3.^o ás condições estipuladas pelo seu antecessor Filippe 1.^o, immediatamente se uniram todos com a mesma ideia—a ideia da liberdade.

Compenetrados tambem de que D. João, Duque de Bragança, era o que mais direito tinha á corõa portugueza, dirigiram-se a elle, e escolheram-o para, no caso da revolução triumphar, ser o succesor das gloriosas tradições portuguezas; elle instado não só pelos portuguezes, mas sobretudo por sua esposa D. Luiza de Gusmão, accitou, correspondendo ao desejo de todos os portuguezes, por isso que soube resistir ás continuas invasões dos castelhanos e incitar todos os ramos da administração.

Guiados, portanto, pela mesma ideia, e obedecendo ao mesmo chefe, manifestaram publicamente no dia 1.^o de dezembro de 1640 a sua ideia de um modo brioso, que eu jámais olvidarei, nem os portuguezes d'esse tempo, em virtude da sublimidade das suas ideias.

Esta revolução veio não só adornar as paginas da historia, mas tambem provar á posteridade que os portuguezes de 1640 souberam imitar os portuguezes d'outr'ora.

Decorridos já mais de dois seculos são, e ainda é venerado o monumento que nos attesta este facto, não só pelos portuguezes d'hoje, mas tambem por todas as nações, que vêm n'elle, alem da heroicidade dos portuguezes de 1640, a liberdade de um povo.

De todos os factos succedidos na monarchia portugueza é este, sem duvida, o que melhor revela o character de portuguezes, e porisso, terminando, não deixarei de lembrar, hoje que é o anniversario d'essa data gloriosa, os quarenta fidalgos, que n'um momento souberam arrancar Portugal das garras de Castella, e mostrar a todas as nações que o povo portuguez continuava a ser livre, e que não esquecia os feitos heroicis dos seus antepassados.

Viva a Casa de Bragança!
Viva o povo portuguez!
Vivam os heroes de 1640!

Braga, 19--11. 92.

AFFONSO HENRIQUES

PORTUGAL E HESPANHA

*Sopeado pela Hespanha, ao mundo este canteiro
Abria o livro ingente, onde lera Camões
As triumphaes memorias, que ás suas canções
Deram a melopéa...*

*Mas, após sessenta annos, raiou nova aurora
De independencia e paz no extremo occidental
Da Europa, entre este povo heroico e magistral,
Que tem em cada tumulo uma aurea epopéa!*

*Patria minha! o denodo d'antigas proezas
Por terra e mar soou triumphante entre as nações,
Incendendo no seio os lusos corações
Em ardor marcial!*

*E a post'ridade d'esses heroes do passado,
O orgulho derribando ás armas leoninas,
Entre hymnos de victoria, alça o pendão das Quinas
Renovando o valor do antigo Portugal!*

*

*Porém, passaram-se annos, e a Patria querida,
Vilipendiada co'o mais cynico impudor
Foi de novo cahir n'um abysmo de horror,
De sarcasmos villãos!...*

*E a Hespanha e Portugal comprehenderam-se então,
Rasgando francamente o véo dos preconceitos
A ponto de ligarem seus fogosos peitos
Num abraço d'irmãos!...*

Braga, 1892.

MANUEL ELYSIO.



1640

SESSENTA annos! sessenta annos de perenne enfraquecer, de continuo martyrio, era horrivel, era de mais para um povo heroico.

Mas que lhe valia ter gerações de heroes, cheios d'acções gloriosas, se o poder e grandeza de Hespanha zombavam d'elles impunemente? «Era o mesmo que ter moinho e não ter vento».

Mas os sentimentos de amor patrio geraram-se na longa oppressão.

E foi então que 40 heroes a fizeram levantar não como cadaveres que por muito tempo estiveram soterrados, mas como heroes que no decorrer de longos annos estiveram privados da liberdade.

Barcellos—29—11—92.

A. SOUCASAU.



1640 AVÉ, LIBERDADE !



HAIS uma vez nos cabe memorar o esforço heroico de João Pinto Ribeiro e seus 39 companheiros, que, em lucta ingente, e inspirados pelo verdadeiro sentimento do patriotismo, despedaçaram os ferros que a tyrannia politica lançara a um povo sempre cioso da sua liberdade, sob juramento de morrerem ou vencerem contra a ominosa usurpação de Castella.

Ha 252 annos que esta pleiade de homens illustres, acalentada pelo fogo do mais acrisolado patriotismo, teve a força herculea de fazer raiar de novo o sol da independencia e da liberdade nos horisontes de Portugal, n'este liberrimo paiz onde baquearam outr'ora o orgulho e a philauçia dos mais habeis capitães romanos ante a explosão patriotica que fez de Viriato um heroe; e se pelejou aquella memoravel batalha d'Aljubarrota, que tão brilhantemente fecha o primeiro periodo da historia portugueza, firmando em bases seguras a integridade da patria, e abrindo vasto campo ás insignes conquistas dos portuguezes no Oriente.

Um povo guerreiro, n'uma serie de combates, rompe o circulo acanhado do territorio em que se agitava, e, transpondo-o vertiginosamente, estende a nacionalidade portugueza pela Africa, pela Asia, pela America, e perpetua o nome de Portugal atravez dos seculos futuros.

E a nacionalidade que havia expirado nos plainos d'Alcacer-Quibir, resurge de novo, radiante de gloria, e, depois de attestar a sua vitalidade nos campos do Montijo com a espada do intrepido Mathias d'Albuquerque, espalha pelo mundo a certeza de que n'este cantinho do Occidente se agita um povo que tem esculpido na sua frente o verbo ideal da liberdade.

Quem com animo imparcial percorre as paginas gloriosas d'este, por tantos titulos, heroico povo portuguez, não pôde deixar de se sentir tomado de verdadeiro entusiasmo pelo facto grandiloquo dos nossos heroes de 1640!

Mas em que coração portuguez pulsa hoje esse entranhado patriotismo, essa crença bemdita que levou a bandeira bicolor até á mais humilde cidadella da fronteira?

Salve, óh heroes!

Hoje estancou essa poderosa energia nacional; hoje, com magoa o dizemos, ella recua e procura amesquinhar-se nos seus limites primitivos, devido ao indifferentismo de muitos e á corrupção sempre crescente dos nossos poderes publicos.

Oh! se esses heroes que encheram o mundo com a fama das suas estupendas façanhas, se levantassem hoje do tumulo, e fosse possivel insufflar-lhes um sopro de vida para verem o estado cahotico e mesquinho do paiz que lhes foi berço, não hesitariam em collaborar, com a mesma energia e denodo, n'uma nova restauração!

E, venha d'onde vier, é ella absolutamente

indispensavel, diga-se sem rebuço, em que pe-se... a muita gente:--restauração na politica e nos costumes.

Reformemos, pois, o paiz nós os patriotas, e não esperemos que os estrangeiros o venham reformar, porque teremos de pagar bem caro com os nossos bens e com o nosso sangue a sua intervenção.

E' este o nosso voto de glorificação á data memoravel que hoje se festeja, por iniciativa d'um grupo entusiasta de rapazes barcellenses, a quem tributamos a nossa admiração, o nosso entusiasmo pelo seu patriotismo.

C.



O DIA 1.º DE DEZEMBRO



EM poder conter a immensa alegria que se desprende da minha alma, tambem venho saudar este dia que se tornou memorando e faustoso para todo aquelle que sabe ser bom portuguez. Quem não sente pulsar violentamente o coração, agitar-se fremente o peito d'odio e indignação ao lembrar-se que fomos tyrannizados e espesinhados a mais não ser? Decerto ninguem!

Mas lembrem-se que houveram heroes aos quaes é preciso tributar a memoria mais infinda; que houveram martyres que sacrificaram gostosos a vida para com ella utilizar o fim benefico do salvamento da patria, e a todos esses é necessario erigir-se dentro do nosso coração um culto da mais eterna saudade e a homenagem do maior respeito. Portugal quebrou com energia as grossas algemas que o prendiam; saccudiu com denodo o jugo que o esmagava e coroadado de louros proclamou a sua independencia. Porisso olvido com este dia todos os ultrages anteriores, lavo com o esquecimento as feridas sangrentas d'opressão, curando-as com o balsamo da victoria e a rehabilitação da patria amada.

Termino, levantando um viva caloroso e entusiastico á mocidade ardente e patriótica que commemora este dia festejando-o d'uma maneira brilhante.

Barcellos, novembro de 92.

ARNALDO BRAZ.

LIBERDADE

*Já vencedor, tributo em teus altares,
No sacro templo, as miseras cadêas,
Tintas em sangue das rasgadas véas,
Que arrastei soffrendo mil pesares.*

*Não é com meus louvores que eu podia
Tornar teu nome mais assinalado;
Raras virtudes com que está marcado,
Serão sempre a gloria d'este dia.*

J. T.



PATRIA!

Lysia só cae, se os mesmos
cem cahirem.

JOÃO EVANGELISTA.

(Poesia).



As fulgurações brilhantes do sol do século xvii rebrilham agora, como uma chamma luminosa, no formoso ceu da «ditosa patria minha amada», onde por entre os mil pyrilampos doirados, surge, linda e serena, a figura sympathica e grandiosa, que os nossos labios, mergulhados n'uma patriotica interjeição, clamam—**Liberdade!** E ella, a vida e prosperidade d'um povo civilisado, com os seus cabellos loiros soltos ás brisas da gloria, aponta varonilmente para o longo horisonte das nossas epopéas historicas, o glorioso **dia 1.º de dezembro de 1640!**

Eis uma dacta immorredoira que refulgirá sempre na memoria de quem

«sente orgulho no peito
de se chamar portuguez»!

E n'este dia inolvidavel, cujos echos de victoria repercutirão atravez dos seculos vindouros, os filhos d'este abençoado e ameno torrão, não deixarão de entoar um canto de veneração e respeito aos illustres fidalgos da velha Lusitania, os valentes caudilhos da revolução de 1640.

Altivos, ousados, e, levados pela força da corrente sublime do heroismo e amor sagrado da patria, quebraram com essa energia ardente, os grilhões da tyrannia que algemavam o luso Portugal, grande e glorioso, que jazia anniquilado sob o jugo dos castelhanos, impedindo-o de alçar a lança vencedora d'Arzilla, Tanger, Azamor, Ormuz, Goa, Diu e Malaca, e dar sangrentas e heroicas batalhas de Ourique, Salado, Atoleiros e d'Aljubarrota. E essas frçanhas e victorias alcançadas, assombrando, tornaram-se temidas e conhecidas em todos os angulos do universo, florescendo com bizarria o pendão glorio-

sissimo da patria dos Viriatos, Albuquerque, Castros, Pachecos e Nunos, ante o qual se curvaram as aguias romanas.

Quando o velho Portugal, cançado de soffrer os duros ferros da escravidão, relembrando-se das suas tradições gloriosas cantadas pelo nosso epico e immortal Luiz de Camões, proclamou-se livre e independente reclamando soberaneamente os seus direitos conquistados por feitos sublimados.

Então, livre Portugal, pelos heroes de 1640, o indomito guerreiro empunhando a espada

«com terrivel e fera galhardia»,

fez triunphantemente tremular a bandeira da sua restauração, sobre os campos de Montijo, tão altiva e victoriosa, que nem os ventos das plagas africanas e as tempestades do mar, por onde ondeára avassallando o Oriente, ousaram despedaçar a sua bandeira. E, retumbando pelo espaço hymnos cheios de harmonias e enthusiasmo, as trombetas de guerra annunciaram aos portuguezes, a aurora da Liberdade e Independencia Nacional!

Salvé, 1.º de dezembro de 1640!

Salvé, Patria adorada!

Barcellos.

MIOSOTIS.

O dia 1.º de Dezembro



Para para tres seculos que um punhado de valentes e leaes portuguezes, expulsou do sólo querido da patria os usurpadores de Castella, sob cujo dominio estiveram, por longos e durissimos annos, os destinos d'este paiz.

A historia rememóra os nomes aureolados d'esses heroes; e a patria, agradecida, consagra-lhes, n'este dia, a celebração devida por tão glorioso feito.

Honramo-nos, honrando-os; e só a consciencia d'este dever é que me decide a esquecer, por um momento, a minha obscuridade, para trazer, tambem, a esta commemoração patriotica o preito, modesto mas sincerissimo, da minha grande veneração pelos RESTAURADORES DE 1640, de fulgentissima memoria.

Barcellos.

DOMINGOS CARREIRA.

AOS HEROES DO 1.º DE DEZEMBRO DE 1640

"*Pesava sobre a patria espessa treva!...*
 "*Mas dos portuguezes a antiga lealdade*
 "*Não se extinguirá; e d'esses peitos heroicos*
 "*Sahiu um grito unisono:—Liberdade!!...*

"*A patria, hoje, oh heroes, agradecida*
 "*Venera a vossa santa e qu'rida memoria,*
 "*Gravando o vosso nome em letras d'oiro*
 "*No livro immenso do porvir:—a Historia!...*

Porto—17—11—92.

EUBARMA.



SALVÉ DIA 1.º DE DEZEMBO !

AZ hoje 252 annos que um trôço de 40 valentes portuguezes instruidos por D. Antão d'Almada e commandados por João Pinto Ribeiro, proclamaram a independencia de Portugal, fazendo assim quebrar o jugo abominavel que nos prendia á corôa de Castella.

Foi no 1.º de dezembro de 1640 que esses bravos portuguezes, dominados pelo amor da patria e cegos pelo odio á causa dos *intrusos*, expulsaram de Portugal Philippe III, o Conde Duque de Olivares, a Duqueza de Mantua e muitos outros traidores que pretendiam riscar do mappa mundi, este pequeno torrão em que habitamos—Portugal!

Esses heroes da nossa patria já não existem; mas os seus nomes estão gravados na historia de Portugal em letras d'oiro, pelos seus gloriosos feitos de heroicidade que jámais esquecem.

O grito da independencia que então por elles era proclamado, foi recebido por todos os portuguezes como um porvir que lhes annunciava um futuro brilhante—a liberdade!

Hoje que todos prestam homenagem ao memoravel dia, eu tambem o não posso deixar passar desaperecebido; venho tributar o preito do meu enthusiasmo, levantando um sincero viva a Portugal e um entusiastico hurrah pela Liberdade!

Barcellos.

A. LIMA.

1.º DE DEZEMBRO

EM tempo era celebrada esta daeta com demonstrações ruidosas, e havia no coração dos portuguezes mais alguma cousa do que a glorificação dos heroes de 1640.

Havia uma mistura de odio e de revindicta contra os hespanhoes.

Hoje, felizmente, o odio acabou, e da parte dos portuguezes ha simplesmente a celebração d'uma data gloriosa.

SILVA ESTEVES.



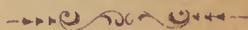
1.º DE DEZEMBRO

ESTE dia recorda-me uma das paginas mais gloriosa e triste da nossa historia. Sessenta annos decorreram n'uma lucta enorme de sacrificios e escravidão, lucta em que se empenhou a nossa honra e dignidade nacional. O jugo do captivo foi horrivel, como horrivel era a gargalheira que nos prendia ao poder sinistro e sombrio da Hespanha. Se tivemos um Miguel de Vasconcellos como traidor, tivemos tambem um João Pinto Ribeiro como heroe principal da grande cruzada dos quarenta gigantes. O povo vivia opprimido, o povo chorava as tradições do seu velho Portugal....

.....Um dia, porem, acordou n'um fremito de indignação, e quebrando as algemas que lhe arroxavam os pulsos, esmagou n'um impulso de athleta a hydra castelhana, e raiou então a aurora sacrosanta da liberdade. Estava feita a autonomia da patria e o povo julgou-se feliz.

Barcellos, novembro de 92.

J. V.



AS nacionalidades jámais succumbem, quando o patriotismo se alberga no peito dos filhos do povo.

Barcellos, dezembro de 92.

FRANCISCO CARMONA.

PORTUGAL



O folhearmos a Historia, essa incorruptivel reveladora dos tempos; ao assistirmos ao desfilar de milhares de heroes que illustraram seus nomes honrando a patria que lhes foi berço, já nos campos da batalha, pelejando na conquista de longiquas terras, já defendendo o sollo amado das suas nações, ou no campo das sciencias e artes prodigalizando á humanidade os seus beneficos effeitos; ao vermos um povo ainda hoje ignorado e já amanhã no apogeu da gloria, dictando leis ao mundo, para, pouco depois ser subjugado por outro mais forte ainda; ao contemplarmos essas collossaes ondas humanas inundando as terras, óra conquistando ora sendo conquistadas e varridas para outros pontos dando lugar aos mais fortes; analysando todas as perfidias humanas, fazemos por um lado com horror, por outro com admiração essa scena immensa que tem por palco o universo e por actores os homens.

Assim é.

Mas se nos horrorisam as atrocidades d'uns, deslumbram-nos as façanhas d'outros, e d'entre tantas raças e povos differentes, parece que Deus escolheu um para desempenhar o drama incontestavelmente mais assombroso da Historia.

E, se da microscopica semente nasce o gigantesco Baobá das florestas, quem diria tambem que d'uns rudes e semi-selvagens dos montes Herminios descenderiam os ousados conquistadores dos mares e terras dos dois hymispherios?

Povo privilegiado, quem poderá ler a tua historia sem assombro?

Viriato, esse famoso pastor dos Herminios, ao ver a sua patria lastrada pelos aguerridos soldados romanos, arvorando o cajado de pastor em bastão de general, á frente dos valorosos Lusitanos, não só varre da patria os intrusos, como passou victorioso sempre, alem do Ebro, fazendo tremor mais d'uma vez a altiva dominadora do mundo, ao ver que os seus mais afamados capitães são impotentes para vencer um povo que virgava os seus irmãos queridos, cobardemente assassinados por Sergio Galba.

Teriamos de ir muito longe, se enumerássemos aqui os feitos d'essa infinidade de heroes que floresceram nos primeiros seculos da fundação da monarchia e das conquistas que alargaram o reino na peninsula; queremos frizar apenas a alta pujança de que póde dispôr um povo, quando defende a sua autonomia.

Quaes os heroes mais dignos de imitar-se que os gloriosos, mestre d'Aviz e do famoso condestavel D. Nuno, os quaes á frente de doze mil bravos desbaratam em vergonhosa fuga o triplo dos Castelhanos nos campos de Aljubarrota?

Que feitos podiam comparar-se aos praticados por essa pleiade de heroes iniciada pelo immortal infante D. Henrique que cavalgava denodadamente as ondas atravez do ignoto, buscando «novas terras novos mares» fundando vastos imperios e levando o facho da civilização e da cruz

aos confins do mundo, abrindo assim o caminho ao commercio da Europa, onde só ella teve o arrojo de penetrar?

E, como se para perpetuar o nome d'esse povo, prototypo dos grandes commettimentos não bastassem os feitos de seus filhos nos campos da batalha, na civilização de povos longiquos e no seu intranhado amor da patria, deu-lhe Deus Esse colosso que espanta o mundo, que por si só illustrou o seu seculo, Esse inimitavel poeta, guerreiro destemido e amante extremoso, que na solidão d'uma gruta nas plagas chinezás, cantou como só elle soube cantar, na lyra divina que só elle possuia, esse immortal poema assombro de todas as eras.

Mas como Roma a senhora do mundo, Carthago a navegadora, Grecia a scientifica, e tantos outros povos do apogeu da gloria, cahiram em derrocada, assim a Portugal chegou a hora da decadencia.

Com a vida d'um leviano monarcha e a flor da nobreza patria, lá ficou sepultada nos plainos de Alcacer-Kibir a nossa autonomia, servindo-lhe de mortalha esse famoso estandarte, que em toda a parte tremulou sempre vencedor.

Ao longe, no antro do escurial, era vigiado avidamente o gigante agora prostrado pela inepticia d'um cardial imbecil e entregue ao desespero, carpindo os seus filhos.

Como as aves carnivoras se arremessam furiosamente sobre os cadaveres ainda palpitantes, assim as hostes fillippinas se lançaram traiçoeiras sobre os mesmos campos onde já tinham fujido em debandada, punidos pelos filhos orphãos então, e eis os restos estremecidos de tantos heroes, servindo de pasto ás aves de rapina.

Portugal cingiu a pesada cadeia de escravo. Sessenta annos! o que de seculos não pareceram 60 annos de perfidias, humilhações, vinganças, injustiças! Eis o que soffremos.

Mas as ciuzas dos Gamas, Castros e Albuquerque, não podiam assistir impassiveis á destruição da sua obra.

Não.

E assim como a lava do vulcão extincto irrompe novamente da cratera com o estrondo do trovão, tambem ao raiar o dia 1.º de Dezembro de 1640, os netos d'esses heroes quebraram para sempre, e lançaram nos pés dos oppressores, as nefandas gargalheiras dos opprimidos.

Esse dia que deve ser para nós o maior e melhor da nossa historia como dissealguem, veio autonomisar para sempre um povo que tendo dado leis ao mundo, não deya recebê-las de vizinhos ciumentados das suas glorias.

Nunca.

E, se o estrangeiro ousar profanar o templo querido de Henriques, saibam que o sangue de Aljubarrota, Vimieiro, Montes-Claros e tantos outros, è o mesmo ainda, para á primeira voz levantar com seus peitos cheios de amor patrio uma innacessivel muralha, aparando as ballas enviadas á patria, e esmagando o intruso.

Salvê povo privilegiado, salvé!

Famalicão.

M. P. DE SOUZA.

Typ. Minerva—Famalicão.